

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
ADVÉRBIOS, UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Fernanda Cristina Saraiva (UERJ)

INTRODUÇÃO

Esse trabalho irá apresentar alguns questionamentos quanto à classificação dos advérbios segundo a gramática tradicional. Para isso, serão utilizadas as definições de advérbios de algumas gramáticas normativas em confronto com os estudos de Mattoso Câmara Jr., Eneida Bomfim, José Carlos de Azeredo, Maria Cecília Silva e Ingedore Koch sobre tal assunto.

O ADVÉRBIO SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL

As gramáticas tradicionais definem o advérbio como o termo que modifica o verbo, caracterizando o processo verbal. No caso de advérbios de intensidade, além do verbo, estes poderão modificar um adjetivo ou outro advérbio.

Segundo Cipro Neto e Infante (2003: 262), “o papel básico dos advérbios é (...) relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles”. Os autores acrescentam que “a caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala”. Como exemplo, os autores colocam o poema “Madrugada”, de Ferreira Gullar; em que há o trecho: “A noite ocidental *obscenamente* acesa/ sobre meu país dividido em classes” (grifo meu). O advérbio “obscenamente” expressa a opinião e um julgamento de valor do eu lírico sobre a noite.

Tais autores conceituam o advérbio como “a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve” (Cipro Neto e Infante, 2003, p. 263). Entretanto eles acrescentam que no caso dos advérbios de intensidade e de modo, pode haver a modificação de adjetivos e advérbios: “Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios” (Cipro Neto e Infante, 2003, p. 263).

Como exemplo, há a seguinte frase:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

“Esse é o procedimento *menos* adequado para quem se diz *politicamente* correto.”

Nessa frase, o advérbio de intensidade “menos” modifica o adjetivo “adequado”; enquanto que o advérbio de modo “politicamente” modifica o adjetivo “correto”.

Cipro Neto e Infante (2003) também afirmam que há casos em que os advérbios podem se referir a uma oração inteira. Segundo os autores, normalmente, nesses casos, os advérbios “transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração”. Isso ocorre em frases do tipo: “*Infelizmente*, o congresso não aprovou o projeto” ou “*Lamentavelmente*, ele não estará conosco na próxima semana” (p. 264). Na primeira frase, o advérbio indica que o falante gostaria que o congresso aprovasse o projeto. Já na segunda, o emissor desejaria a presença do seu referente na próxima semana.

A definição que Cereja e Magalhães (1999, p. 172) fornecem de advérbio não difere muito da vista anteriormente: “Advérbio é a palavra que geralmente modifica o verbo, indicando as circunstâncias em que se dá a ação verbal”. Entretanto, os autores acrescentam que os advérbios também podem modificar não só os adjetivos e os advérbios, conforme Cipro Neto e Infante disseram, mas também os substantivos: “Etimologicamente, advérbio – *ad* (“junto de”) + verbo – significa “o termo que acompanha o verbo”. Apesar disso, os advérbios de intensidade podem acompanhar, além do verbo, substantivos, adjetivos e advérbios”. Como exemplo de advérbio modificador de substantivo, há a seguinte frase: “*Quase* médico, já consulta com eficiência”. O advérbio “quase” estaria, nesse caso, modificando o substantivo médico.

Outra divergência existente entre as duas gramáticas refere-se à classificação do advérbio “nunca”. A gramática de Cipro Neto e Infante classifica tal advérbio como de tempo; enquanto que a de Cereja e Magalhães, como de negação.

Contudo, ambas as gramáticas afirmam que os advérbios são palavras invariáveis em gênero e número, mas podem variar em grau (comparativo e superlativo).

Cunha e Cintra (2007, p. 541) classificam o advérbio como “fundamentalmente, um modificador do verbo”. Mas acrescentam que os advérbios de intensidade podem reforçar o sentido de um adjetivo e de um advérbio, como Cipro Neto e Infante colocaram. Além disso, Cunha e

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Cintra ressalvam que há advérbios que modificam toda a oração. Isso aparece nas três gramáticas aqui mencionadas.

Cunha e Cintra (2007, p. 542), no entanto, observam que

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico.

ESTUDOS CRÍTICOS SOBRE OS ADVÉRBIOS

Para Câmara Jr. (1970) os vocábulos dividem-se em nomes, pronomes e verbos. O advérbio, para ele, é um nome ou um pronome exercendo uma função modificadora. Dessa forma, o advérbio não seria uma classe de palavra e sim uma função que determinados vocábulos (nomes ou pronomes) exercem na frase.

Os vocábulos, de acordo com sua hierarquia funcional, podem ser primários, secundários e terciários, ou seja, principais, adjuntos e subjuntos (Jespersen *apud* Câmara Jr, 1970). Com isso, os substantivos são principais ou primários, pois constituem o elemento determinado de um sintagma. Os adjetivos, por sua vez, são secundários ou adjuntos por serem determinantes. Já os advérbios são terciários ou subjuntos, uma vez que são determinantes de outros determinantes: “o advérbio é o determinante de outro determinante: modifica assim o adjetivo, o verbo ou o verbo conjugado com seus complementos essenciais, porque este (...) é determinante de um nome ou pronome sujeito” (Câmara Jr, 1970, p. 160).

Para Câmara Jr. (2004), palavras como “aqui”, “aí”, “ali” e “lá”, classificadas pela gramática tradicional como advérbios de lugar, são locativos, isto é, pronomes demonstrativos com função adverbial.

Bomfim (1988) também questiona a classificação de tais palavras como advérbios. A autora defende que estes são pronomes, uma vez que são dêiticos e podem exercer função de sujeito. Como exemplo, a autora coloca as seguintes frases: “*Aqui* é o melhor lugar do mundo” e “*Lá* continua um paraíso” (Bomfim, 1988, p. 36). Além desses, a autora inclui como pronomes os advérbios de tempo “ontem”, “hoje”, “amanhã”. Esses seriam locativos temporais e, como os locativos espaciais, também são dêiticos e podem exercer função de sujeito.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Além disso, Bomfim ressalva que “lá” pode ser antecedente de um pronome relativo. Como o pronome relativo possui sempre um nome como antecedente, tal vocábulo seria, então, um pronome e não um advérbio. Para ilustrar tal afirmação, há a seguinte frase: “*Lá* onde morei mora agora meu cunhado” (Bomfim, 1988, p. 36).

Bomfim critica a conceituação de advérbio dada pelas gramáticas tradicionais, pois há advérbios que não expressam circunstância, não se referem ao processo verbal e não são intensificadores como afirmam tradicionalmente as gramáticas. Os advérbios de negação, afirmação e dúvida estão nesse caso. Tais palavras, na verdade, “expressam uma opinião do locutor ou sua dúvida sobre o enunciado” (Bomfim, 1988, p. 6). No caso dos advérbios de dúvida, por exemplo, a dúvida não é uma circunstância dada ao verbo. A incerteza sobre algo é pertencente ao próprio sujeito da enunciação.

A autora também comenta que os advérbios de intensidade relacionam-se a adjetivos e a advérbios para expressar grau e não para intensificá-los. Há também casos em que tais advérbios não se relacionam a adjetivos ou advérbios de fato. Como exemplo, há as seguintes frases: “Andou *muito*” e “Comeu *pouco*” (Bomfim, 1988, p. 7).

A autora defende que “muito” e “pouco”, nas frases anteriores, incidem sobre o resultado do processo verbal e não sobre o verbo. Na primeira frase, “muito” refere-se ao espaço percorrido (cf. “Andou *muitas* léguas”). Já na segunda, “pouco” refere-se ao volume do que foi comido (cf. “Comeu *poucas* frutas”). Nessas estruturas, Bomfim acredita que não há nem intensificadores nem advérbios, mas pronomes indefinidos (Bomfim, 1988, p. 8).

As frases em que realmente é o processo verbal que é atingindo são: “Amou *muito*” e “Trabalhou *pouco*”. Isso pode ser percebido comparando as frases anteriores com “Na juventude amou *muito muitas* camponesas”. Dessa forma, Bomfim afirma que há dois tipos de intensificadores: 1) os de adjetivos e advérbios; e 2) os de verbos.

A autora questiona também a classificação dos advérbios interrogativos. Segundo ela, “considerar estes vocábulos simplesmente como advérbios de tempo, de lugar, etc. implica considerar as interrogações indiretas como *orações substantivas sem conectivos*” (Bomfim, 1988, p. 14).

Azeredo (1999, p. 43) define os advérbios como a classe de “palavras invariáveis que, quanto à distribuição, funcionam como modifica-

dores, quanto a o sentido, exprimem circunstâncias (tempo, lugar e modo), intensidade ou atitude”. Além disso, os advérbios servem como núcleo de um sintagma verbal (Azeredo, 2004).

O autor acrescenta que o sintagma adverbial pode servir de predicador ou modificador. Quando predicador, será introduzido pelo transpositor “ser”, conforme os seguintes exemplos: “O acidente foi *aquí*”, “A inauguração será *amanhã*”, etc. Já como modificador, pode relacionar-se: 1) a toda oração, como nas frases “*Devagar* se vai ao longe” e “*Talvez* eles possam vir”; 2) ao verbo (“Eles conversaram *demoradamente*” e “Estamos morando *aquí*”); 3) ao adjetivo (“*levemente* ferido”); 4) ao substantivo (“os exemplos *acima*”); 5) ou então a outro advérbio: “*incrimivelmente* longe”. (Azeredo, 1999, p. 96).

Azeredo (2004) ressalta que a maioria dos verbos é empregada para localizar os objetos aos quais fazemos referência no tempo e no espaço. Portanto, os advérbios exprimem basicamente “posições temporais relativamente a um ponto convencional na linha do tempo” e “posições espaciais relativamente a um ponto convencional no espaço, físico ou textual” (Azeredo, 2004, p. 143-4). O autor salienta que as subclasses de advérbios de intensidade, de modo, de dúvida e de negação são bem menores.

Silva e Koch (1996) classificam os advérbios como “modificadores circunstanciais” e inserem-nos nos sintagmas preposicionados. Isso corrobora com Bomfim (1988) que defende que os advérbios possuem uma preposição implícita. Para exemplificar tal afirmação, Bomfim (1988) utiliza a seguinte frase: “Vamos marcar o encontro *lá*”. Se essa frase for confrontada com “Vamos marcar o encontro *na praia*”, percebe-se que o *lá* não vem regido de preposição, mas tem a preposição *em* implícita, como atesta a segunda frase.

Em frases como “*Felizmente*, não houve vítimas no desastre”, em que “*Felizmente*” relaciona-se a toda a oração, Silva e Koch (1996: 20) não classificam tal termo como modificador circunstancial, uma vez que não está indicando nenhuma circunstância. A tal palavra, atribuem a denominação de “modalizador” ou “modificador atitudinal”, uma vez que “*felizmente*” exprime o sentimento do falante em relação aos fatos da proposição.

DEPARTAMENTO DE LETRAS
CONCLUSÃO

Considerando os argumentos expostos anteriormente, pode-se perceber que não há um consenso quanto à classificação dos advérbios. Desse modo, faz-se necessária uma revisão da nomenclatura gramatical brasileira quanto a esse aspecto.

É preciso que determinadas classificações e conceitos a respeito dos advérbios sejam revistos para que as falhas existentes na classificação tradicional sejam corrigidas e não continuem a ser ensinadas como a gramática normativa prescreve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

———. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

———. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez e KOCH, Ingedore. *Lingüística aplicada ao português: sintaxe*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 67-9.